

Um projeto cristológico: A coleção "Jesus e Jesus Cristo"

Carlos Palácio

A coleção "Jesus e Jesus Cristo" é um projeto ambicioso e audaz dentro do panorama cristológico atual. Ambicioso pelas dimensões e audaz pelo espírito. Trata-se de resgatar, através de um diálogo rigoroso com as testemunhas da tradição e com os mais diversos interlocutores da cultura e das religiões, todos os "fragmentos cristológicos" que a figura de Jesus e o fato cristão depositaram no tempo e no espaço dos homens. Proposta inovadora que rompe os moldes do que os especialistas denominam "tratado de cristologia".

Esta impressão se confirma à medida que se desenvolve o projeto, iniciado em 1977 sob a direção de J. Doré, professor no Instituto Católico de Paris. Mais do que *uma* cristologia, portanto, a coleção oferece um vasto *material de trabalho*, rico e original, que deve ser ulteriormente elaborado pela reflexão cristológica. Nesse sentido, ela constitui um instrumento indispensável para o estudo da cristologia. Por isso, é digna de todo louvor a iniciativa das Edições Loyola de oferecer ao público brasileiro a tradução desta coleção.

Antes, porém, de apresentarmos os primeiros volumes publicados em português (II) e fazermos algumas observações sobre a tradução (III) é conveniente dizer uma palavra sobre a coleção em si mesma (I). O distância de quase 15 anos e com mais de 50 volumes já publicados em francês é possível emitir um juízo mais exato e completo sobre o que, mesmo então, podia ser saudado como "uma coleção promissora" (cf. *Síntese* n.21 [1981] 96).

I. A coleção

Qual é o objetivo de uma coleção que começa com um diálogo com as "cristologias marxistas", conta com dois estudiosos judeus entre os seus pri-

meiros colaboradores e não recusa o confronto com a razão filosófica ou com outras religiões como o hinduísmo? Para não ficar desorientado por esse aparente sincretismo, no qual se encontra precisamente a riqueza desta coleção, é preciso ter presente o espírito que a animou desde o início e que transparece na sua realização, à medida que toma corpo nas diferentes contribuições. Se à primeira vista — pelo menos aos olhos do leitor — não há um plano preestabelecido, existem, sem dúvida, um projeto claro e uma perspectiva bem definida. Importa tê-los muito presentes para circular com proveito pela heterogeneidade de pistas que abre cada tema abordado.

Este projeto seria impensável fora da efervescência da cristologia contemporânea. A interrogação cristológica, por sua vez, é inseparável da situação do cristianismo no mundo moderno. Como poderia a fé cristã escapar à crise de uma civilização — a ocidental — que foi ao mesmo tempo produto do cristianismo e veículo cultural por excelência da sua expressão histórica? O que hoje está em jogo não são pontos isolados da fé, mas o seu fundamento. Eis por que, a "volta ao centro", i.é., a questão sobre Jesus Cristo, não pode evitar a pergunta sobre a identidade cristã, ou seja, sobre os desafios, as modalidades e as chances de viver a fé no mundo de hoje. Este é o horizonte do projeto.

A proposta da coleção está inscrita no próprio título: Jesus e Jesus Cristo. Duas realidades bem definidas: a figura histórica de Jesus e o reconhecimento de Jesus como Cristo, i.é., a fé cristã, o "fato cristão" na história. Mas duas realidades articuladas, como mostra a conjunção. Em si mesmo o título é uma tomada de posição que define o espírito do projeto e traça de alguma forma o seu programa.

A questão não se coloca em termos de opção — Jesus ou Jesus Cristo — mas de articulação. Dito com outras palavras: a vida de tantos homens e mulheres que ainda hoje falam, trabalham, vivem e morrem por Jesus só tem sentido se é verdade que Ele vive e está presente no meio deles. Eis por que, para eles, Jesus é "mais" do que a simples memória de Jesus de Nazaré. Esse "excesso" é o que a fé quer significar ao designá-lo como *Cristo*. É, portanto, na atualidade *cristã* que emerge a memória viva e atual de *Jesus* reconhecido como *Cristo*. Temos assim os dois pólos ao redor dos quais se desenvolve o programa da coleção, duas vertentes que serão exploradas em aproximações sucessivas: Jesus, de um lado; do outro, os cristãos.

A pergunta por Jesus em primeiro lugar. Dentro e fora da Igreja. É o sentido da investigação histórica sobre Jesus, a sua época, o ambiente e as esperanças que habitavam o seu povo. Aqui se situam livros como o excelente estudo de Ch. Perrot *Jesus e a história*, os de P. Grelot e H. Cazelles sobre a esperança judaica na época de Jesus e o Messias na Bíblia respectivamente, ou o de J. Guillet sobre o modo como Jesus se compreendeu a si mesmo. Mas também as perguntas que fazem "os outros", sejam eles crentes ou não. Por exemplo, o ponto de vista de dois estudiosos judeus (P. Lapidé, sobre Jesus no judaísmo atual ou G. Vermès com a sua leitura judaizante dos documentos evangélicos); o encontro com as religiões não-cristãs (A.M. Cocagnac: hinduísmo; R. Arnaldez: islamismo; Buddhadasa: budismo; e de modo mais amplo o estudo

de J. Dupuis) ou a confrontação com os "mestres da suspeita" (P. Valadier: a prova de Nietzsche; J. Gagey: Freud e o cristianismo; e o diálogo com os marxistas: nos estudos de J. M. Lochman e de M. Machovec).

A segunda vertente é o "fato cristão", interrogado quer a partir das testemunhas da tradição (é aqui que se situam os estudos de J. Thomas sobre Inácio de Loyola; M. A. Santaner sobre Francisco de Assis; Ed. H. Weber sobre Tomás de Aquino; G. Madec sobre Agostinho, e P. Gisel sobre Calvino, entre outros), quer a partir das formas diversas nas quais toma corpo a referência a Jesus na atualidade e os desafios que encontra, seja em termos geográfico-culturais (B. Chenu e o Cristo negro americano; o coletivo sobre cristologia africana; J. van Nieuwenhove sobre a cristologia na América Latina), seja com relação à prática pastoral e catequética (J. Vernet sobre a nova religiosidade; B. Rey sobre a renovação carismática; E. Germain sobre os catecismos). Não podem ser elencadas todas as obras publicadas, algumas de grande importância (como as de B. Sesboüé sobre a tradição e a redenção ou a de X. Tilliette sobre a cristologia nos filósofos idealistas), mas estes exemplos são suficientes para mostrar em que direção se desenvolve a investigação nas duas vertentes apontadas. É evidente que um projeto de tal envergadura só pode ser avaliado no conjunto. As abordagens, as perspectivas e a tecnicidade dos estudos são muito diferentes e têm de ser examinadas em particular.

Há, sem dúvida, uma intenção orgânica nesta coleção. A liberdade e a autonomia de cada autor — que são evidentes — no modo de desenvolver o tema, não produzem uma impressão de pura heterogeneidade. Trata-se de uma coleção, não de uma simples justaposição de monografias. Um dos méritos de J. Doré, como coordenador, é precisamente introduzir cada volume, mostrando o seu alcance dentro do projeto e situando-o no conjunto da coleção.

Esta coleção se apresenta, pois, com um perfil bem definido. Ela tem um objetivo: contribuir com investigações históricas e elaborações metodológicas para uma reflexão que articule os dois pólos ao redor dos quais se desenvolve o programa da coleção, mostrando, ao mesmo tempo, a relação entre eles. E tem também uma identidade teológica, definida no próprio título, que lhe permite abrir-se a um diálogo com a autêntica tradição cristã, sem ter medo de submeter-se à prova de todas as "suspeitas" levantadas hoje contra a fé cristã. Nesse vaivém, nesse diálogo (que é exercício de verdadeira escuta e não pura retórica), é que surge e vai sendo reconstituído o discurso teológico sobre Jesus Cristo. Sem intransigências dogmáticas, mas também sem sincretismos culturais. A coleção é, sem dúvida, católica, mas o seu objetivo não é ilustrar a doutrina "oficial" nem justificar um sistema institucional.

Mais do que diante de uma *cristo-logia* poderíamos dizer que estamos diante de uma *cristo-grafia*. A coleção nos convida a percorrer, em todas as direções, os mais diversos caminhos da busca de Jesus, descobrindo as suas marcas, auscultando as diferentes "vozes" nas quais se inscreve e se difrata hoje a questão de Jesus. Através dela é possível, de alguma forma, reconstituir o caminho da cristologia nas duas últimas décadas. Como no evangelho, trata-se

de saber “o que dizem os homens”, antes de dar uma resposta ao: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Como os discípulos, também nós somos colocados diante da mesma pluralidade de respostas. E não podemos descartar de antemão que cada uma possa conter um fragmento de verdade. Mesmo que venha da boca de um “pagão” ou nos chegue através da “confissão” de algum “demônio”.

A distinção entre Jesus e o fato cristão deixa bem claro que o interesse por Jesus não se restringe ao círculo dos especialistas, mas que ultrapassa o âmbito dos cristãos. A consciência dessa distinção, mais ainda dessa distância, é uma condição indispensável para que a vida de Jesus não cesse de ser um princípio fecundo — e crítico — da vida cristã. A reflexão sobre Jesus não é monopólio dos que o reconhecem como Cristo. Antes de querer “repatriá-la” apressadamente para o âmbito eclesial, os cristãos deveríamos ter a certeza de não deixarmos de fora o que há de verdade na perspectiva dos que, sem partilhar essa fé, se interessam, contudo, por Jesus. Porque também aí aparece a irredutibilidade de Jesus às nossas “evidências”. A maneira de viver hoje a fé cristã não pode eludir a questão da sua fidelidade real a Jesus de Nazaré, origem e fundamento *histórico* da mesma. Nessa historicidade está inscrita para sempre uma certa “exterioridade” que é o sinal da transcendência e soberania de Jesus sobre o “fato cristão”.

II. Os volumes publicados em português

Venhamos agora aos volumes publicados em português. A primeira surpresa é que dois dentre eles (o 1º e o 9º) não fazem parte da coleção francesa, embora se situem plenamente dentro do seu espírito. A ordem dos volumes em português não corresponde também à numeração original. Mas isso não tem maior importância. Embora indicado no catálogo, não chegou às minhas mãos o estudo de J. Guillet, *A fé de Jesus*, que ocupa o terceiro lugar da tradução brasileira. Passo, pois, aos oito restantes.

Abre a coleção o livro de R. Fabris¹, conhecido exegeta italiano, cujos comentários ao evangelho de Mateus e às cartas de Paulo fazem parte da Coleção Bíblica Loyola. O livro se apresenta como um balanço da pesquisa exegética sobre Jesus, sobretudo nos últimos 30 anos. Nesse sentido é o resultado amadurecido do consenso que se foi fazendo entre os exegetas. A começar pela reação de G. Bornkamm contra o ceticismo histórico de Bultmann. Muito além das hipóteses radicais e polêmicas dos primeiros tempos, a exegese crítica é hoje mais humilde com relação às suas pretensões. Mas nem por isso menos importante quanto aos seus resultados.

R. F. não ignora as exigências da crítica histórica. Do ponto de vista metodológico, é rigorosamente coerente com a conclusão à qual nos acostumou, ao longo das últimas décadas, a exegese crítica: os evangelhos são antes de tudo testemunhos de fé. Nem por isso devem ser desqualificados como

¹ R. FABRIS, *Jesus de Nazaré. História e interpretação*, São Paulo, Loyola, 1988, 376 pp.

fontes históricas. Mais ainda, constituem a fonte mais ampla e segura para uma investigação histórica sobre Jesus.

É dos evangelhos — como já se tornou comum em obras deste gênero — que o A. retira o esquema da sua obra. Porque mesmo que a preocupação dos evangelhos seja prioritariamente catequético-querigmática, as etapas e o itinerário que eles apresentam não estão desprovidos de todo valor histórico. A crítica histórica tem de passar necessariamente através do que *as comunidades nos dizem* de Jesus. Este princípio é aplicado com rigor a todos os aspectos da vida de Jesus. O resultado não é uma *reconstrução histórica* (do itinerário, palavras, mensagem, opções, etc. de Jesus), mas uma tentativa de responder à interrogação que essa vida suscita: quem é esse Jesus de Nazaré?

Dois pontos parecem ao A. absolutamente seguros nesta investigação: a morte violenta na cruz e a unicidade de Jesus, ou seja o que há de único e irrepetível nas atitudes e no comportamento, na autoridade e no projeto radicalmente inovador de Jesus que apontam para o enigma da sua *persona*. Tudo o que estiver em harmonia com esses dois dados tem boa garantia de *historicidade* (pp. 58, 117s, 182 e passim). Como se vê, o resultado da crítica histórica não é o “dado em si”, mas uma “reconstrução” plausível, uma “imagem histórica” confiável de Jesus que não tem por que ser alternativa nem concorrente com a das “reconstruções” evangélicas.

O livro de R.F. é altamente recomendável pelo rigor e ao mesmo tempo pelo equilíbrio das suas análises. Está tão longe das “projeções psicologizantes” sobre a vida de Jesus quanto das “montagens” arbitrárias. Não deixará de haver quem julgue excessivamente tímidas as suas conclusões. Mas esta modéstia é coerente com os princípios da crítica histórica e profundamente fiel à intenção das narrações evangélicas, que não pretendem satisfazer a nossa curiosidade histórica sobre Jesus, mas ajudar-nos a *crer* nele como Cristo. Nesse sentido, o livro de R. F. é um verdadeiro serviço à fé dos cristãos, que deveria ajudá-los a purificar uma imagem de Jesus (do seu projeto, atitudes, palavras, “milagres” etc.) que está mais próxima, muitas vezes, dos evangelhos apócrifos do que dos evangelhos canônicos.

Como o de R. F., outros quatro títulos se situam dentro do que antes designei como o “pólo Jesus” da coleção. São aproximações da figura de Jesus a partir de pressupostos outros do que os da fé. O estudo de *H. Bourgeois*² pode servir como uma boa introdução a este tipo de problemática. O A., professor nas faculdades católicas de Lyon, se situa deliberadamente dentro de uma perspectiva intra-eclesial, e portanto de fé, mas o seu objetivo é “libertar” não tanto Jesus, mas o pensamento eclesial a seu respeito. E não são poucos os entraves que podem acabar ocultando Jesus dentro da “construção” cristã.

Tal libertação começa por uma dilatação do horizonte cristológico capaz de integrar novas perspectivas. Abertura ao “outro”: *dentro da Igreja* (distância entre a cristologia “oficial” e as cristologias “reais”); ou entre as diversas confis-

² H. BOURGEOIS, *Libertar Jesus*. Cristologias atuais, São Paulo, Loyola, 1989, 231 pp.

sões; ou entre os diferentes tipos de sensibilidade pastoral etc.) e *fora da Igreja* (ouvir as "vozes" de outros povos e nações, contra a tentação do etnocentrismo europeu; abrir-se a outras tradições, à diferença de culturas, a outras religiões). Dessa forma, o A. nos oferece um panorama universal da reflexão cristológica hoje. Com simpatia e sensibilidade mas não sem espírito crítico. É uma boa iniciação a essa "volta a Jesus", característica da nossa época, que ultrapassa de longe o círculo dos "bem pensantes" e dos especialistas.

Dois livros nos introduzem no que poderíamos chamar um diálogo com as "cristologias marxistas", ou o interesse de marxistas pela figura de Jesus: o de *Milan Machovec*³, professor de filosofia na Universidade de Praga até 1970 e figura de destaque no diálogo entre cristãos e marxistas na década de 60, e o de *Jan Milic Lochman*⁴, tcheco como Machovec, professor de teologia protestante e discípulo de J. C. Hromádka, que foi um dos pioneiros no diálogo entre cristãos e marxistas e da conferência pancrestã pela paz.

O livro de Machovec é um estudo sobre a mensagem e a significação da vida de Jesus, escrito por um desses "ateus" de que fala o título original (*Jesus für Atheisten*). Para apreciar a coragem deste marxista que se interroga sobre o sentido do próprio ateísmo, é preciso remontar 20 ou 30 anos atrás e lembrar o que significava então a ousadia de pensar com independência dentro do marxismo ortodoxo. As profundas transformações pelas quais está passando o socialismo real e o Leste Europeu têm o poder, entre outros efeitos, de tornar caducas, mesmo se não resolvidas, questões até há pouco bem candentes.

A religião era um desses "objetos proibidos" para um marxista. Com paixão pela verdade, livre de qualquer tipo de preconceito, M. M. ousa repensar não só o "dogma" que era a interpretação do cristianismo proposta por K. Kautsky, como matizar também os fundamentos metodológicos do materialismo histórico e a necessidade de abrir-se a outros valores que são irredutíveis ao socioeconômico. M. M. entrava assim no debate que agitou o pensamento marxista das últimas décadas: a distinção entre marxismo clássico e moderno, o confronto entre determinismo histórico e socialismo "escatológico" e o esforço para resgatar toda a herança humanista do pensamento marxiano.

É lícito imaginar que as reflexões de M. M. tenham suscitado dentro do marxismo da época reações semelhantes às que provocam na Igreja certas "novidades teológicas". Mas o seu pensamento sacode também as nossas "evidências" cristãs; é provocador, original em algumas das suas propostas e só pode fazer bem a quem se aproximar dele com a mesma abertura e honestidade intelectual. Não se trata de fazer de M. M. um novo "doutor da fé", mas é inegável que o seu estudo é digno de todo respeito. Seja qual for o parecer dos especialistas em ciências bíblicas, o A. possui conhecimento de causa, adquirido com rigor e seriedade científica, que o habilitam para um debate sem preconceitos.

³ M. MACHOVEC, *Jesus para os marxistas*, São Paulo, Loyola, 1989, 220 pp.

⁴ J. M. LOCHMAN, *Cristo ou Prometeu? O diálogo crucial entre cristãos e marxistas*, São Paulo, Loyola, 1989, 100 pp.

É o que aparece já na força com que reivindica a sua busca não como um caminho marginal e solitário, mas como uma questão de fidelidade radical e conseqüente às próprias origens. Ora, junto com a cultura grega e o direito romano, a tradição judeu-cristã é um dos pilares do Ocidente (e, nesse sentido, do marxismo). Para M. M., descer às raízes da própria identidade é não escamotear o confronto com os valores dessa tradição, com a sua concepção do homem e da história e, finalmente, com a questão da transcendência. É assim que M. M. é conduzido ao estudo da figura central do cristianismo: Jesus de Nazaré.

Dentro da tradição ocidental Jesus é, sem dúvida, uma testemunha privilegiada da afirmação absoluta do *homem* em nome de *Deus*. Mas M. M. está interessado em Jesus como paradigma do *humano*. Por isso não só distingue, mas separa claramente a "mensagem de Jesus" (cap. 4) e a "mensagem sobre Jesus" (cap. 5), i.é., o caminho pelo qual se passou do *homem* Jesus ao *Cristo* proclamado pela fé pascal. Jesus se torna significativo como paradigma e realização concreta de uma vida humana em profundidade. É admirável o esforço pelo qual M. M. procura ir além do puro acontecimento-Jesus para dar razão da fé pascal e do fato cristão. Mas, como muito bem o viu Paulo, se o Cristo não ressuscitou a nossa fé não tem mais chão. Se a ressurreição é apenas "interpretação", se ela não passa de uma nova "maneira de ver" o acontecido na vida e morte de Jesus, então não há como superar o abismo aberto entre a vida de Jesus e o fato cristão. Mesmo com todo o seu fascínio, Jesus não passaria de uma "projeção ideal" do homem e o movimento por ele suscitado uma história demasiado humana, cujas ambigüidades acabam por "ocultar" o verdadeiro rosto de Jesus.

A reflexão de M. M. é um testemunho comovedor desse ato de fé radical no homem que é a busca apaixonada do humanismo do homem. Não se vive sem "razões". E os valores "espirituais" não podem ser impunemente eliminados da vida sem pôr em perigo o próprio homem. Mas tal reflexão revela, ao mesmo tempo, os limites de um pensamento fechado sobre a própria imanência. Ora, em Jesus, a questão do *homem* é inseparável da pergunta por *Deus*. Sem ela, a própria interrogação sobre o homem fica sem resposta.

É o que põe em relevo o livro de *Lochman* ao entrar em diálogo com a cristologia explícita de E. Bloch. Cristologia e não simples interesse pela figura de Jesus. Porque o que Bloch propõe é uma alternativa à cristologia calcedonense das duas naturezas, uma verdadeira inversão das relações entre Deus e o homem. A união homem-Deus em Jesus Cristo nada mais seria do que a substituição de Deus pelo homem. Cristo seria a realização do "sereis como Deus", símbolo da humanidade emancipada, revelação da humanidade escatológica e das possibilidades infinitas do homem. Última conseqüência desta verdadeira e definitiva "encarnação" de Prometeu (daí o título do livro de *Lochman*) seria um "ateísmo dinâmico" (p.42), ou, para usar um título de outro livro de Bloch, o "ateísmo no cristianismo".

É possível conjugar essa visão do homem e da história com a concepção cristã? A *gratuidade* cristã (a doutrina da graça como puro dom) não é a negação

da teoria marxista da salvação "secular", humana, imanente, como experiência da transformação da história pelo homem? O diálogo é possível, diz J. M. L., sob duas condições: que o cristianismo se deixe interpelar por Prometeu (o que exigiria repensar a idéia das relações entre Deus e o homem no teísmo tradicional, além de uma leitura mais equilibrada da doutrina do pecado, da graça e da justificação) e que o marxismo aceite redimensionar e demitizar o prometéico (o que exigiria uma revisão da filosofia marxista do trabalho, da revolução como processo universal de salvação e do ateísmo como profissão de fé). Em outras palavras: Deus e o homem não têm por que ser vistos como eternos rivais que só podem viver e alimentar-se com a supressão do outro. Como bom discípulo de K. Barth, J.M.L conclui com a proposta de uma "teologia da concentração cristológica", cuja vantagem seria conservar o verdadeiro escândalo cristológico e mantê-lo aberto para uma transposição em categorias de história e sociedade, de alienação e reconciliação.

Com o livro de G. Vermès⁵ entramos num outro universo: o interesse por Jesus no judaísmo contemporâneo. Fenômeno significativo para quem tem presente a longa e tumultuada história das relações entre judeus e cristãos. História na qual o religioso, o político e o social sempre estiveram juntos. Inicialmente para a minoria que eram os cristãos. A ruptura com o judaísmo (questão religiosa) teve conseqüências sociais e políticas. Depois, e durante muitos séculos, para o judaísmo. A partir do momento (sobretudo na cristandade) em que a questão religiosa foi tratada em termos de poder político. Nesse contexto tão complexo e explosivo, para um judeu, a figura de Jesus, deformada por esse pesado lastro histórico, só podia ser rejeitada porque identificada com os frutos de um anti-semitismo odioso, do qual não pode ser totalmente isentado o cristianismo histórico.

É manifesto o contraste com o que poderíamos denominar uma "volta a Jesus" entre não poucos estudiosos judeus da atualidade. Uma das características dessa "volta" ou desse interesse é a afirmação das suas raízes judaicas, da sua "judaicidade". Trata-se de repatriar Jesus, de reconduzi-lo ao seu solo original para resgatar a sua verdadeira imagem. Des-cristianizar e des-helenizar Jesus para re-hebraizá-lo. Algo, por outro lado, que é pacífico hoje para os próprios estudiosos cristãos. Sob muitos aspectos Jesus só pode ser corretamente entendido dentro do contexto histórico-cultural da sua época.

É nessa perspectiva que se situa o livro de G V., conhecido especialista em Qumran e em estudos judaicos. Como transparece claramente no subtítulo, G V. aborda os documentos evangélicos como historiador. Como judeu G V. tem um ponto de vista que aplica sistematicamente à leitura dos textos evangélicos: não se pode compreender Jesus fora do contexto histórico-cultural, sobretudo da Galiléia do seu tempo. Só que para G V. esse "contexto" não é apenas um pano de fundo para situar Jesus, mas um verdadeiro guia para a sua correta com-

⁵ G. VERMÈS, *Jesus, o judeu. Uma leitura dos evangelhos feita por um historiador*, São Paulo, Loyola, 1990, 231 pp.

preensão. Indiretamente, sem opor o seu ponto de vista ao das confissões cristãs, a abordagem de G. V. é profundamente crítica e demolidora. Jesus não é nem Cristo (mito cristão) nem apóstata (mito judaico), mas um galileu do séc. I da nossa era, na linha dos "devotos", dos "hassidim", dos santos taumaturgos. Sem que essas semelhanças diminuam em nada a sua grandeza excepcional ou a sua incomparável superioridade (p. 230).

Está dado assim o esquema da obra. Numa primeira parte o A. apresenta o "marco" referencial: Jesus como judeu, na Galiléia do séc. I e situado dentro do judaísmo carismático. A literatura judaica não é mais uma matéria auxiliar no estudo do NT, mas são os dados evangélicos que se diluem no contexto judaico para dele receberem consistência. O resultado é previsível: Jesus aparece, com alto grau de credibilidade, como um hassid galileu (p. 89).

Na segunda parte G. V. tira, por assim dizer, a prova negativa deste resultado. Se essa descrição é suficiente por si mesma para explicar a figura de Jesus, a interpretação cristológica dos títulos, feita na tradição cristã, não é necessária e, a rigor, carece de sentido. O A. opta por uma interpretação puramente *histórica* dos títulos (em oposição, portanto, à abordagem *teológica* dos próprios evangelhos). Para reconstituir o pensamento e a figura de Jesus basta determinar a significação de cada título no ambiente da Galiléia no séc. I.

Deixando de lado questões dogmáticas de fundo (tão importantes para a fé cristã, como a ressurreição, a divindade de Jesus ou o nascimento virginal, para dar só alguns exemplos), o livro de G.V. enriquece o conhecimento que temos da figura de Jesus, apesar do seu caráter seletivo e, sob muitos aspectos, redutor. Não é fácil, apesar das boas intenções (p.19), fazer uma leitura dos textos evangélicos sem preconceitos e, muito menos, sem pressupostos. Como negar que Jesus foi, no sentido pleno da palavra, um judeu? A questão é saber se o foi pura e simplesmente, ou seja, se só pode ser compreendido a partir do judaísmo.

De qualquer forma, livros como o de G. V. são uma prova dessa mudança (de atitude e de perspectiva) no judaísmo contemporâneo com relação à pessoa de Jesus. Mesmo que tal mudança não seja neutra nem esteja totalmente isenta de conotações polémicas do ponto de vista teológico. Ainda hoje, o teológico, o histórico e o político-social estão entrelaçados nesta questão. Mas é inegável a importância de livros como o de G. V., ou ainda os de P. Lapidé⁶ ou D. Flusser⁷, para citar só alguns mais conhecidos, tanto para o conhecimento da figura de Jesus quanto para o que poderá ser uma nova era nas relações entre judeus e cristãos.

Os três volumes restantes, embora muito heterogêneos entre si, não deixam de ter uma unidade interna. Todos eles se situam no que poderíamos chamar as repercussões da cristologia em outras áreas da dogmática ou a integração na

⁶ P. LAPIDE, *Ist das nicht Josephs Sohn? Jesus im heutigen Judentum*, München, Calwer Verlag, 1976.

⁷ D. FLUSSER, *Jesus in Selbstzeugnissen*, Hamburg, 1968.

crisologia de outras dimensões da teologia dogmática e da experiência cristã. O primeiro é o resultado de um seminário de dogmática, dirigido por A. Schilson, assistente do então professor em Tübingen, W. Kasper⁸. Foram escolhidas, para serem examinadas, as obras de dez teólogos (protestantes e católicos, exegetas e dogmáticos), entre os mais notáveis da teologia contemporânea. O pensamento cristológico de cada um é apresentado na sua perspectiva própria e, ao mesmo tempo, agrupado dentro de correntes mais amplas (da teologia existencial, da teologia trinitária, da história etc.). Pelo papel central que ocupa a crisologia em cada um deles, o leitor é introduzido simultaneamente à crisologia e ao conjunto do pensamento do autor. Apesar da dificuldade da empresa, o resultado é amplamente satisfatório.

O livro é introduzido por dois capítulos nos quais A. Schilson aborda a razão de ser da diversidade e da unidade na crisologia contemporânea (cap.1) e as convergências ou comunhão de perspectivas que, apesar de tudo, existem nela (cap.2). Num capítulo conclusivo (cap.7) W. Kasper, com a clareza que lhe é peculiar, elabora a sua reflexão sobre o que ele considera as tarefas mais importantes da crisologia atual. O livro se encerra com um excelente léxico cristológico que será de grande ajuda para não poucos leitores e com uma bibliografia seleta e pertinente para cada tema, embora de cunho netamente científico.

J. Doré, diretor da coleção, é o organizador do sétimo volume⁹. A intenção fundamental desta obra é articular teologia dos sacramentos e crisologia, numa tentativa de resgatar o valor teológico-dogmático da liturgia como vida da comunidade eclesial. É na celebração da comunidade que deve ressoar a *vida*, no sentido mais pleno, e o *mistério* da fé. Por isso é importante perguntar-se que tipo de acesso cristológico (e, por conseguinte, trinitário) nos é aberto pela celebração sacramental. Sem essa dimensão cristológica e trinitária os sacramentos cristãos se esvaziariam, porque teriam perdido a sua especificidade.

O livro está estruturado segundo o esquema tradicional da "volta às fontes" (I parte), ampliação das perspectivas com a "dilação do horizonte histórico" (II parte), para concluir com um "aprofundamento teológico" (III parte). Cada parte tem três estudos de autores diferentes. Os três primeiros abordam temas do NT, patrística e teologia medieval. Vêm a seguir um estudo ecumênico sobre Calvino, o trabalho de um historiador sobre a eucaristia no catolicismo moderno e as análises de um sociólogo sobre os tipos de reunião cristã hoje. As três últimas contribuições se referem ao lugar de Cristo na liturgia, à questão do ministro que age "in persona Christi" e à liturgia como lugar da crisologia.

Dois artigos merecem um destaque especial nesse conjunto: o estudo inicial de Ch. Perrot sobre "A água, o pão e a confissão do Senhor crucificado", no qual o A. mostra como o batismo e a eucaristia estão ligados à confissão de fé em Jesus como Senhor, mas Senhor crucificado, e o capítulo conclusivo no qual L.-M. Chauvet, tomando como ponto de partida a liturgia como lugar da

⁸ A. SCHILSON, *Crisologia*. Abordagens contemporâneas, São Paulo, Loyola, 1990, 159 pp.

⁹ J. DORÉ (org.), *Sacramentos de Jesus Cristo*, São Paulo, Loyola, 1989, 221 pp.

confissão de fé em Jesus Cristo, mostra como devem estar intimamente articulados o discurso sacramentário e o discurso teológico.

O oitavo volume é da autoria de Y. Congar¹⁰. O tema é importante e retoma uma das preocupações que pervadem a obra deste eminente teólogo: a relação entre cristologia e pneumatologia, ou seja como evitar que o papel *central* de Jesus Cristo (cristocentrismo) que é necessário e evidente, se torne algo *exclusivo* (cristomonismo), desequilibrando assim a experiência cristã.

Como todos os livros de Y. C., também este, apesar das dimensões reduzidas, é de uma riqueza inesgotável: pelo domínio da perspectiva histórica, pela abundância das referências, sobretudo patrísticas, pela articulação das dimensões. Y. C. sempre soube integrar, transitando da antropologia para a eclesiologia, da cristologia para a pneumatologia, ou vice-versa, e mostrando a relação entre todas, sem esquecer nunca uma dimensão que lhe foi sempre muito cara: a ecumênica.

É toda essa riqueza que encontramos nestas reflexões, de maneira condensada, com a segurança e a simplicidade de quem fala "ex abundantia cordis". Considerações simples por vezes, mas cheias de beleza e unção; observações destemidas de quem sabe que a Igreja mesma está *submetida* à fé e à revelação, que ela não é, portanto, a fonte da verdade, com as conseqüências que daí decorrem para a maneira de entender o magistério, a obediência, a autoridade, a verdade, etc. Se a pneumatologia equilibra a cristologia, ela não é menos importante para equilibrar a eclesiologia: relação entre carisma e instituição, lugar e sentido do profetismo, etc. É muito bom que alguém da estatura teológica de Y. C. venha nos lembrar, no momento atual, que tudo na Igreja tem, ao mesmo tempo, um estatuto cristológico e pneumatológico.

III. A tradução brasileira

Para concluir, algumas observações sobre a versão brasileira da "Coleção Jesus e Jesus Cristo". A iniciativa, em si mesma, merece louvor. É um ato de coragem que aposta no valor da coleção e um gesto de serviço que vem enriquecer a bibliografia disponível com um vasto material de trabalho. Aspecto importante, num momento em que vemos multiplicarem-se sem cessar os seminários, nem sempre com um mínimo de condições necessárias.

É preciso ressaltar também a qualidade da apresentação: sóbria, agradável e com traços que a tornam imediatamente reconhecível. Algumas observações, contudo, podem contribuir para o seu aperfeiçoamento. Dado o caráter da coleção, a introdução de cada volume por J. Doré é essencial para poder situá-lo no conjunto do projeto. Ela não existe no volume 1º pelo simples fato de não pertencer, como já foi dito acima, à coleção original (sem, por isso, desmerecer da mesma nem estar fora de lugar). Para minha surpresa, o 5º volume (que era o 1º da coleção

¹⁰ Y. CONGAR, *A Palavra e o Espírito*, São Paulo, Loyola, 1989, 150 pp.

francesa) saiu sem o apêndice, no qual J. Doré apresentava não só o livro mas o projeto todo. Seria importante ter muito presente esta observação no futuro.

Ainda no que diz respeito à apresentação. Certos dados como o título original, o tradutor e outras referências são importantes. É pena que no 2º volume tenha escapado o nome do tradutor. Duas sugestões que ajudariam a aprimorar a apresentação: optar por uma colocação fixa dos índices ou sumários (ou no início ou no fim) e unificar a lista dos livros da coleção já publicados, que aparece na contracapa. Por exemplo, na contracapa do 4º volume consta em terceiro lugar o livro de J. Guillet. Já nos volumes seguintes, o nº 3 caberia a Ch. Perrot. São informações que desorientam e, ao que me consta, nenhum dos dois veio ainda à luz.

Uma vez que a apresentação brasileira não conservou a ordem original e dado que já existem em francês mais de 50 volumes valeria a pena perguntar-se se, para os leitores brasileiros, não ficaria mais claro o sentido do projeto e a ajuda que dele podem receber, agrupando os próximos volumes por temas afins (o que se refere ao conhecimento histórico de Jesus, ou à relação do cristianismo com outras religiões, ou os problemas que levanta a cultura moderna, etc.), segundo o que acima foi dito das duas vertentes segundo as quais se desenvolve a coleção.

Seria impossível concluir esta apresentação sem uma palavra sobre a tradução. Para estes oito volumes há pelo menos quatro tradutores diferentes. Alguns de boa qualidade. Mas quatro ou cinco volumes (porque no segundo não consta o nome do tradutor) são da responsabilidade de L. J. Baraúna. É preciso reconhecer, infelizmente, que tais traduções deixam muito a desejar. Não porque o tradutor desconheça a língua, mas porque o rigor e a arte da tradução exigem paciência e tempo. O contrário exatamente de sentar-se sem mais diante de uma máquina de escrever. Seria muito enfadonho entrar em pormenores porque isso nos levaria longe demais. Mas há com frequência palavras, frases inteiras, expressões idiomáticas que por vezes tornam indispensável o recurso ao original. O que, além de inutilizar em parte o valor da tradução do ponto de vista da confiabilidade, é uma afronta à qualidade da coleção e um desprestígio para a Editora. As Editoras se impõem pela qualidade final do produto. E as Edições Loyola têm provado progressivamente que é possível esperar um alto nível técnico e qualitativo das suas publicações.

Carlos Palácio é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, Nova Friburgo, RJ. Licenciado em Teologia pela Faculdade de Teologia Sant Albert, Lovaina (Bélgica). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia do CES (Belo Horizonte-MG).
Publicou: *Jesus Cristo: História e interpretação*, São Paulo: Loyola, 1979.
Editou: *Cristianismo e história*, São Paulo: Loyola, 1982.

Endereço: Caixa Postal 5047 - 31611-970 Belo Horizonte-MG